

A LAGRIQA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

RODRIGO AZEVEDO

Aquí está um homem que quando se afflige, quando se exalta, parece desenvolver uma tempestade em redor de si, com raios e coriscos, e afinal de contas é o que se pode chamar um santo varão, vulneravel por tudo que diga respeito a bons sentimentos.

E que melhor pode ter um homem na sociedade saturada de *intelligentes* que os predicados do coração!

Evidenciar magnanimidades, bemquerenças; tornar a vida realidade cheia de attrahencias — é o que se pode chamar uma conquista admiravel!

Tal a perspectiva moral de Rodrigo Azevedo.

Franco, d'esta franqueza lhana, elle attrahe.

Faz da sua casa casa de todos.

Na administração da Santa Casa pôe o empenho de todas as suas forças, que não são poucas.

No adorno d'uma igreja elle é o nosso Raphael Bordallo Pinheiro, impondo sempre um cunho artistico, muito para admirar e applaudir.

E' um dos nossos viticultores mais afamados.

Sabe explorar a boa qualidade da uva, fazendo d'uma só especie, vinhos diferentes em corpo, em côr, em alcool!

E' um licorista eximio.

Rivalisa com os mais preclaros.

*Temos em nosso poder uma garrafa com que nos presenteou, que tem feito a delicia... de muitos dilletanti na especialidade.

Finalmente o Rodrigo Azevedo

Tem de virtudes um sacco,

Por bem é mesmo um velludo,
Por bem dá o proprio casaco.
Por bem deu casa a um homem,
Por bem deu-lhe gasalhado,
Por mal tirou-lhe as janellas.
...E por fim foi o telhado!...

PELO MEZ

Tanto assumpto!
Assumpto em barba como lixo na viella detraz da rua Direita...

Com que primeiro embica o chronista é a festa do 18.º anniversario da Humanitaria Barcelinense.

Aquilo foi pim-pão.

Os esforços da directoria d'aquella casa exgotaram-se n'uma boa vontade e n'um bom gosto inexciveis, que aqui reparamos mesuradamente.

A sala onde se realisou a sessão solemne tinha um aspecto frescalhão na profusiva do adorno artistico, e evidenciava uma profusa

claridade solhosa de ferir a retina.

Um dos oradores que mais sobressahiu foi o Manuel da Graça.

Destacou-se pela palavra e pela cabelleira semelhante a uma «couve gallega coberta de neve em dezembro...».

Principiou por declarar que «estava em casa da Roriz e ia para a do Meira» quando foi convidado a fallar em tão magno e magano assumpto.

Acabou por se referir ás peripecias mais fufagantes da historia franceza, com Joanna d'Arc a frente e Marat atraz.



A LAGRIMA

O seu principio, porém, foi d'um fim alevantado...

Consubstanciou, no seu modo de ser, a villa barcellense: ir da Roriz para o Meira, d'este para o Neiva, e d'aqui para a Bagoeira e suburbios.

O que significa á puridade ir em *curva* n'uma *recta* para o cemiterio.

Encalhada, esta villa, providencialmente, entre pinhaes; com varredura de ares resinosos, dá, consternadoramente, um contingente para a tysicsa muito maior, na proporcionalidade, que a Lisboa de «marmore e de granito».

Attribue-se tal fatalidade ao inveterado, ao eterno vicio da taina, que, depois de ter abalado a bolsa, arruina a saude.

A phrase do poeta foi forte, mas foi sensata.

Ir do Roriz para o Meira, como quem, francamente, diz—de casa de Herodes para a de Pilatos a ganhar rapidamente terreno de sete palmos de *comprido* por tres de *largo*...

Afinalmente disse o sr. Antonio de Azevedo coisas maravilhosas de pyrotechnia phraseologica, com resaios á prosa amantética da sorôr Marianna, em que havia arôma de alfa lega e sons accordicos de cavaquinho em noite de lua cheia.

Espraiou o sr. dr. Rodrigo Velloso o seu estensissimo saber, topando a muitos nomes de avançados no ideal sociologico, apontou factos de vida operaria muito para observancia, esclareceu as vantagens da vida associativa, colorindo toda a exposição com a sua peculiar facécia, que lhe sae, dos labios, espontanea, como as lagrimas dos olhos do Esteves.

Referiu-se o sr. dr. Ramos ao sr. Wenceslau de Lima e ao sr. dr. Rodrigo Velloso.

...Nenhum chegou, porém, no conceito, ao Manoel da Graça.

Teve uma ironia como as de Voltaire que «desgastavam, no dizer de Castalar, um mundo».

*

A festa, externa, de Cruzes não se realisa este anno, como se não verificou em 97 e como se não effectuará tão cedo—por os srs. Eduardo Salazar, Anselmo, Faria e Fernandes, não quererem, com justificado motivo, ser ladrões de si mesmo, entrando desordenadamente nas suas ferreas burras.

«Porque a gente até do seu deve ser ladrão».

S. ex.^{as} não podem, em proveito de Mangalhos e Bagoeiras, entrar nos dominios d'um gasto exagerado, porque os interessados são de marmore, impassíveis, choradores como meninos desmamados, diante das subscrições.

Quem desdenha de tudo por toda a parte; que taxa de impatriotica a meza do Bom Jesus, não deve ser como aquella especie de homens descripta por Vieira de «havemos de fazer»,

mas da de «fazamos», mettendo-se a empreza tão patriotica, abrindo subscrição para que ella se realise.

Ahi vão, para seu governo, os nomes dos que precisam da festa de Cruzes.

Marchantes:—Carvalho e Custodia;—hoteis: Cardoso, Vinagre, Poriz e Vieira;—casas de pasto: Espinheira, Rodrigues, Torres e Bagoeira;—mercearias: Thomaz, Quintas e Oliveira;—cafés: Máttos e Paulo.

Sugeitem-se os maldizentes, sem uma de V para festas de interesse, ás intemperies de chuva e sol—das subscrições—; procurem aquelles que ganham muitissimas de X com as festas de Cruzes e verão como se poderá fazer algo de X P T O.

Quem desdenha mecha-se, e mecha-se, pelo seu lado, quem tem interesses, imitando, n'estas cousas, os visinhos de Braga.

Nós tambem já de lá vimos.

Ahi vac uma, a proposito.

O Imaginario, entalhador de merecimento, sem escola, por occasião das ultimas Cruzes com velocipedes e rosas, recebeu a commissão do peditorio d'esta forma:

Firmou-se nos tamancos, ganhou posição de puchador do pau, espirrou, sentou-se, e com a mesma facilidade com que abre n'um soveiro uma columna de orlem toscana, abriu a bocca para chamar tola á commissão...

Estes Imaginarios e quejandos, magicos, não devem pedir festas, mas ortigas para se coçarem.

.....

Uma nota sentimental.

O Anselmo, que não é de Barcellos, e que gastou nas ultimas festas de Cruzes, do seu bolso, mais de 400:000 reis, não tem uma palavra de queixa contra os nossos patricios que sem vintem para nada, tem arrotos de malidécia para tudo e para todos.

Antonio Patricio é um caseiro, do nosso amigo sr. Anselmo da Costa Leite.

Trabalha de sol a sol e não ganha senão para comer.

Ha tempos appareceu-lhe, na freguezia em que reside, um vendedor de cautelas, homem desconhecido, com cara de muito sério, que lhe vendeu duas por uma continha callada.

No craneo do nosso lapurdio atravessou uma revoadá de esperanza—a de fazer fortuna e mandar ao diabo a enxada.

Fazia planos, os mais extravagantes, se lhe sahisse a taluda, inclusivé a construcção de unha capella á santa das suas devoções, com madeiramento todo de castanho feito pelo Barreto e estuques pelos artistas affilianos.

Passados dias a cara do cauteleiro, risonha,

A LAGRIMA

feliz, annunciava ao nosso homem o que fosse de singular.

Antonio Patricio comprehendeu essa mudez e julgou-se, n'esse instante, o mais feliz da freguezia, e, sem lo o primeiro a interromper o silencio, dizendo:

—«Sahiram premiados?»

—«Ambos. Ao todo quarenta mil reis, diz-lhe o vendedor, e venho propor-lhe um negocio, o de receber, fazendo-lhe o pagamento já, metade d'aquella quantia.»

Se o Patricio não via em quarenta mil reis a felicidade que antevia, pelo menos, ella, vinhalhe fazer um certo arranjo, que não conseguia do pé para a mão sem muito suor no rosto.

Não quiz acceitar o contracto, mas, em compensação, tornou-se obsequioso, amavel, enchendo o homem de vinho até se lhe tocar com o dedo e gratificou-o com uma bonita quantia,

D'ahi a pouco a boa nova corria pela aldeia. *Sahiu a sorte grande ao Patricio!*

O nosso heroe nem dormiu na noite seguinte; e, á luz da lamparina, meio variado, houve quem o visse contar os caibros do seu quarto de dormir.

No dia seguinte, ainda o astro rei se não apresentava á contemplação dos habitantes de Santa Eulalia de Rio Covo e já Patricio, munido d'um varapau ferrado, se dirigia a esta villa para receber o premio.

Foi a casa do Azevedo, apresentou, triumphante, os bilhetes.

O dono do estabelecimento verificou, tornou a verificar se estavam premiados, e conseguiu saber que estavam brancos.

...E branco ficou o Patricio e branco foi...

O infeliz entrou de noite, ás escondidas, na freguezia, com receio á troça.

O Pôte está mais civilisado, graças á fina e illustradíssima convivencia que tem tido junto a nós.

Já se rejubila intitulado-se fabricante de calçado, e julga-se rebaixado quando o apodam do sapateiro.

Ainda bem.

Quarta-feira ultima discorria sobre a pronuncia de palavras arcevesadas, e a proposito citava uma d'ellas ao José Martins, que era *movito*.

Este amigo perguntou-lhe qual era a significação d'esta palavra, a que Ferreira, com aquella pomptidão e amabilidade que o distinguem, se apressou em dizer:

—«Movito é aquilo a que as mulheres labregas ebauam desmanejo. Por exemplo: uma

creança de 6 mezes que nasce aos cinco é um *movito*».

O Ferreira é um homem n'estas cousas ferrenho, ferreo, ferrão.

E nunca ferricoque.

Anda meio mundo a enganar outro meio e todos gostam de explorar as fraquezas do proximo.

E, se no dizer d'um privilegiado talento, «quando nasce um genio perguntando nasce outro respondendo», tambem, pela mesma razão, quando nasce um bacôco, nasce um ladino para o explorar.

O Pêgas, da «Lagrina», n'esta ordem, é o bacôco, e ladino o Zé Mathias — que o manda buscar figos d'escabeche ao Thomaz e o souso obedece.

Figos d'escabeche é o mesmo que marmelada de peras.

O João das Botas foi para a cadeia por ter ido á missa.

Por que elle tem sido sempre um erente... na batota.

A vida da cadeia gastava a sua preciosissima existencia em rumações constantes.

Era preciso matar o tempo.

Mandou, porisso, ir para lá, a roleta dos seus sonhos.

Porque ella tem sido a luz, de que elle tem sido a borboleta.

Como não ha bem que sempre dure, a borboleta *cahiu na luz*, perdendo a sua vida: quantos cigarros e cinco reis tinha.

Para cumulo:

O carcereiro prendeu no segredo o Botas e apprehendeu a roleta.

O Joaquim Martins é tanto muzieco como intelligente.

Ha dias o Miguel Lemos informou-o de que um individuo qualquer tinha sido elevado ao pariato. E a proposito perguntou-lhe se sabia a sentida d'aquella palavra, ao que Joaquim respondeu ser «um fidalgo antigo».

E fidalgo antigo será o Joaquim Martins d'aqui a quarenta annos, de sobreceasca e balan-drau de Santa Gertrudes.

Ainda uma pessoa está viva, tomando caldos de gallinha, ingerindo revulsivos, com a esperanza de enterrar os que a julgam morta, e as pessoas de sua casa já lhe mandam fazer o caixão e pôr em pratica todos os preparativos do enxoval da morte.

Ha semanas um individuo de Ballugães, barba grisalha, bem trajado, pedia na Confeitaria do nosso amigo Vallongo, uma quantidade de doce muitissimo grande, e tão grande que o

A LAGRIMA

Pegas, entregador, filho, ficou espantado e perguntou se era para algum baptisado.

—«Não, respondeu o indiviluo grisalho, é para um enterro.»

Os olhos amortecidos, do Pêgas, ganharam um brilho inextinguível, o que lhe succede sempre, como chuchista, quando á sua pituitaria lhe chega o cheiro de carne morta:

—«Então, diz elle, quem morreu lá?»

—«Ninguem, acode o homem, mas se não morreu está por horas.»

A comprar já as cavacas
E o defunto ainda vivo...
O' que herdeiro tão lascivo
O' que desejos de placás.

O Francisco Lapuz é um typo ás direitas, activo, engenhoso e financeiro.

Principalmente financeiro.

As lampreias, anno passado, estavam baratas no nosso mercado.

900 reis cada uma!

Era muitissimo pouco, porque o engenho de as pillar estava caro.

Não ha nada para fazer bom negocio como as grandes terras; ali tudo se paga bem.

Debaixo d'esta persuasão levou uma porção d'ellas, enorme, ao Porto, que não é uma terra tão insignificante como Barcellos e, por uma d'estas raras sortes, vendeu-as por 400...

... Que é como quem diz: veio do Porto aonde fôra buscar lá, tosquiado, para esta villa.

Ha semanas ouvimos este dialogo entre homens d'aldeia, proximo ao templo do Bom Jesus da Cruz:

—«Sabes que fulano morreu!»

—«Quem o matou?»

—«Ora essa! quem havia de ser!»?

—«Foi Deus.»

—«Deus! não pôde ser. Elle era muito valente. . . Só se foi á falsa-fé.»

Foi e não lhe fez sangue.

Crença & Letras — De Guimarães, do Collegio de S. Damaso. E' uma revista que não é só para se ler—por causa dos seus bons escriptos; é tambem para se ver—devido á sua bella impressão.

—*A Moda Illustrada* — O mundo elegante da terra deve admirar-a, tal o seu custo, 4:100 reis por anno, e tal a profusão dos figurinos, moldes e bella cavaqueira litteraria.

Pedidos á livraria Guillard & Aillaud & C.^a, de Lisboa,

—*Branco e Negro*—Portuguez de lei na linguagem e nas illustrações. Só 50 reis cada volume n.º, ali no Alves, á preta

Na casa d'um nosso conhecido, uma velha, viuva, crente e boa, reprehendia a creada de metter os dedos dentro da sopa, para assim saber se estava quente, e aconselhava-a a que não era preciso fazer isso porque no testro se notava quando estava nas condições de ser servida. A creada resmungando:

—«A senhora se agora não mette, já em tempo metteu.»

Vejam o exemplo!

NOTICIAS DIVERSAS

Foi visto um dia d'estes o Juca tentar tirar uns parafusos fingidos, de cimento, da frente da casa da Toucinheira Correia. Lá estão esmurrados.

—Não publicamos o n.º consagrado ao João Mathias, que a «Folha» fez annunciar, com collaboração escolhida, entre a qual de mr. Bouchard, porque no 1.º d'abril ninguem o tomava a serio.

—Amanhã o sr. Anselmo da Costa Leite expõe na porta do seu estabelecimento uma rodela do tronco do pinheiro de St.^a Comba.

—Vae hoje d'anjo da Cruz, em Villar, o sr. (não sabemos o nome).

EM PÉ DE GUERRA

Por acharmos de grande conveniencia para a nossa terra, conservaremos esta secção, permanente nas columnas da «Lagrima», abusando mesmo da sua grande circulação.

E' justo que Barcellos seja olhado com mais um pouco de interesse e patriotismo.

Aqui estaremos, pois, continuamente, clamando pela attenção das pessoas que superiormente superintendem os negocios camaraes e administrativos, d'esta villa.

Assim:

Que se remediem as faltas da arborização publica da villa;

Que os bancos em mau estado, no Campo da Feira, sejam substituidos por outros, e se colloquem novos nos pontos em que o vandalismo os fez desaparecer;

Que se não consinta, escandalosamente, na rua principal de Barcellos, a criação de porcos, e se não permita que elles andem em liberdade pela villa;

Que se faça a miude limpeza á riella detraz da rua Direita, que está horrorosamente immunda, impedindo, até, a passagem ás pessoas limpas;

Que se examinem os perigosos carros que transitam na villa, mormente á quinta-feira,

Que se não interrompa o emprego dos hólos estrycbainados aos cães que, sem razão, infestam as nossas ruas.

Typographia Barcellense

Responsavel—J. Gonçalves da Silva.

A «Lagrima» ha um mez que não sahiu.